

O momento

Antonio Monteiro da Silva Chibante

*Professor Adjunto de Pneumologia da Universidade do Rio de Janeiro
Fundador do Grupo Literário "Clube da Letra"
Membro da Academia Luso – Brasileira de Letras*

- Por favor, doutor, venha! Acho que está chegando a hora! O médico chegou, por entre o frio da madrugada, naquele corredor de rua que mostrava uma só janela acesa.

Foi conduzido ao quarto onde, quase inerte, jazia o cantor de rock, apenas ligado à vida pela mão da companheira e um olhar semi-cerrado.

Sentou-se numa cadeira simples, lembrou-se da tuberculose do início do século e confrontou-a com a AIDS do final do mesmo século: duas irmãs gêmeas.

Não precisou olhar o relógio para contar o pulso e tirou-lhe a pressão só por tirar. A respiração era mais tensa do que o ritmo de suas músicas e sua face, um pergaminho vazio.

Olhou a jovem mulher tatuada - quase tão magra quanto ele - e confrontou-os: pouca diferença!

O cheiro forte de um suor úmido, viscoso, desafiava o incenso e não havia mais sons na Terra.

Todas as mortes lhe ocorreram; esta era diferente.

Levantou-se. Andou para lá; andou para cá; olhou a guitarra; foi à janela; entendeu a lua; voltou à cena.

O olhar, ainda mais cerrado, fitava-o sem o transfixar.

Aquele quarto simples, que remediava a vida, não protegia mais nada. Um copo de água e resquícios de pó compunham a mesinha de cabeceira sem gaveta e a luz que os iluminava era pouca.

Cortando o silêncio o médico perguntou-lhe: "Quer alguma coisa?" E, de olhos fechados, ele pediu-lhe uma música clássica. A moça levantou-se, colocou Schubert - o preferido - e a respiração foi ficando mais calma. Meia hora depois, com cuidado para não perturbar a música, o médico pediu duas maçãs verdes.

E, por entre acordes de paz e um esboço de aurora, comiam maçãs descascadas que largavam serpentinas verdes nos pratos.

Ficaram assim o tempo necessário enquanto a vida fazia o seu balanço.

Quando o lençol ficou quieto pegou-lhe o pulso, puxou-lhe uma pálpebra para cima, olhou o relógio e começou a preencher o atestado.

A moça levantou-se, segurou o abajur e iluminou a escrita. Depois:

- Quanto é, doutor?

- Nada.

- Então leve a guitarra.

- Não! Só uma maçã verde.

Insistiu:

- Leve! Era dele!

Despediu-se e foi embora, com uma maçã verde na mão e uma guitarra debaixo do braço. ■

Conto Premiado no Concurso SOBRAMES (Sociedade Brasileira de Médicos Escritores) 2001.